

# O ESPAÇO DO SAGRADO

---

Paulo Telles de Lemos

## RESUMO:

Este ensaio constitui parte de um trabalho de investigação denominado "O Sagrado na Arquitectura Moderna" apresentado em 2003 na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Valladolid, em Espanha. O objectivo do trabalho então realizado centrou-se em definir e estruturar uma leitura da Capela de Ronchamp de Le Corbusier e da Capela das Águas de Tadao Ando, no âmbito da teoria crítica da arquitectura. A partir da análise das diferentes gramáticas formais utilizadas, bem como da articulação e tensão espacial patente em cada uma das capelas, pretendi realçar sensibilidades, visões, entendimentos culturalmente distintos sobre a forma de projectar, sentir e viver o espaço do Sagrado. Como objectivo último pretendeu-se alertar para a necessidade de a arquitectura se libertar de lógicas impessoais e de mercado, voltando a ser pensada e vivida como corpo que para transmitir emoções tem que forçosamente ter alma.

## ABSTRACT:

This essay is part of a research work entitled "The Sacred in Modern Architecture" presented in 2003 to the Faculty of Architecture of the University of Valladolid, Spain. This work aimed at describing and structuring a reading of Le Corbusier's Chapel of Notre Dame du Haut, located in Ronchamp, and Tadao Ando's Church on the Water, within the critical theory of architecture. From the analysis of different formal grammars and the articulation with a tension evident in each of the chapels, I intended to stress different sensitivities, visions, and cultural understandings on how to design, feel and live the space of the Sacred. Finally, this essay tried to underline the need to free architecture from the impersonal logic of the market by rethinking it as a body that, in order to convey any emotions, must also have a soul.

## PALAVRAS-CHAVE:

arquitectura,  
arquitectura sacra,  
sagrado, espaço sagrado

>>

## KEY WORDS:

architecture, Church  
architecture, the sacred,  
sacred space

*Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés,  
descalça as sandálias porque o lugar onde  
te encontras é uma terra sagrada.*

Êxodo, III, 5

116>117

De forma clara, o Velho Testamento revela-nos em múltiplas citações, como na que utilizamos para epígrafe a este texto, a existência de um Espaço do Sagrado que por o ser se diferencia de todos os outros. Numa vertente oposta, para o ser humano cuja vida se desenvolve numa existência profana, o espaço surge de forma homogênea e neutra, sem distinção qualitativa (salvo no plano economicista), podendo ser transformado e ordenado em função de necessidades ou interesses que lhe sejam atribuídos. Podemos dizer que surge como uma parte de um todo indiferenciado, enquanto o homem religioso, em contrapartida, necessita da revelação de um Espaço Sagrado como ponto fixo a partir do qual o mundo se constrói e ordena.

Quando nos referimos à centralidade do mundo que congrega um Espaço do Sagrado, apontamos no sentido da qualidade única que o espaço apresenta em contraponto com o espaço profano, onde múltiplos centros aparecem e desaparecem em função das necessidades diárias. Assim, e em oposição à centralidade inerente ao Espaço do Sagrado, o espaço profano aparece-nos fragmentado, sendo constituído e resultando de uma multiplicidade de lugares cuja importância e valorização são mutáveis e em consonância com as necessidades de uma sociedade mais e mais tecnocratizada.

Acontece no entanto que, mesmo para o ser humano desvinculado de ideal religioso, certos espaços assumem, pelas mais variadas razões da existência humana, um valor qualitativo face aos demais, reportando-nos e transportando-nos para a não heterogeneidade inerente à experiência religiosa do espaço.

Estes locais assumem no homem profano uma dimensão

de referência relativamente a outras realidades que constituem o seu universo vivencial quotidiano.

Numa relação oposta, como refere Mircea Eliade, “o Espaço do Sagrado assume para o homem religioso uma ruptura na homogeneidade do espaço, já que é através de uma hierofania (manifestação do Sagrado) que este se manifesta e se revela o ponto fixo absoluto, o centro a partir do qual tudo se estrutura, nomeadamente a sua perspectiva existencial”, uma vez que dentro da sua concepção nada pode ter início ou ser feito sem uma orientação prévia ou predefinida, o que forçosamente obriga à existência ou definição de um ponto fixo.

De referir que toda a análise ao Espaço do Sagrado se estabelece sempre em contraponto e diálogo com o espaço profano, já que este não tem nenhuma dependência ou vínculo, ou sequer carece de existência relativamente ao espaço matemático ou arquitectónico. Salienta Mircea Eliade no seu livro *O Sagrado e o Profano* residir a intencionalidade da análise na abstracção e no entendimento de que, “enquanto Sagrado, o espaço se apresenta qualitativamente como centro do mundo, a partir do qual este se constrói e estrutura, em contraste com o espaço profano que se configura dentro de uma homogeneidade e relatividade inerente ao “caos” que nada gera”.

Caberá nesta altura enfatizar que, quando apontamos o espaço profano como homogéneo, mais não queremos realçar do que a relatividade dos espaços no espaço, já que nenhum se apresenta com ou como valor de “Absoluto” ou de “Centro” em detrimento dos demais.

Sem excepção, todo o Espaço do Sagrado implica uma manifestação do Sagrado, já que a sua função primordial é a de o destacar da sua envolvente cósmica tornando-o qualitativa e intrinsecamente diferente. Na essência, o Espaço do Sagrado contém e encerra o simbolismo das palavras de Jacob: “Em verdade é aqui a casa de Deus: é aqui a porta dos céus”, um local aberto para o alto, em comunicação com Deus, passagem de um modo de ser a outro ou ligação entre o céu e a terra.

>>

O homem religioso tem necessidade de sinais que criem um lugar, um centro fixo absoluto e orientador no sentido de eliminar a relatividade e a homogeneidade do espaço, geradoras nele de perturbação e desorientação.

Precisa o crente de viver no "Sagrado", já que sendo o "Ser" absoluto, significa como tal o real, o poder, a fonte da vida e continuidade. De forma concisa, viver no Sagrado representa e equivale para o homem religioso à possibilidade de se situar na realidade objectiva.

Não raro nos é apresentado o espaço classificado em dois parâmetros distintos: o mundo habitado, "o Cosmos", e o espaço desconhecido povoado de um imaginário de incertezas, "o Caos". Desta distinção de espaços temos um território organizado e habitado como tal, "cosmicizado", já que o podemos entender como tendo sido consagrado previamente e se encontra portanto em comunicação com o mundo dos deuses. O mundo, e em particular o nosso, apresenta-se ao homem como um universo no interior do qual o Sagrado já se manifestou. A centralidade do espaço do Sagrado surge claramente para Mircea Eliade como "local estruturante e de comunicação, onde se deverá efectuar a ruptura de níveis, nomeadamente para cima (o mundo Divino), e para baixo (as regiões inferiores, o mundo dos mortos), aparecendo assim criada a possibilidade de inter-relacionamento dos três níveis cósmicos (Terra, Céu, Regiões Inferiores)".

Esta necessidade de um centro orientador manifesta-se no homem independentemente da raça, da cultura ou mesmo do estágio evolutivo em que se encontra. Se bem que de forma diferenciada, apresenta nalguns casos contornos particularmente curiosos, tais como em certas tribos índias o centro estar formalizado por um poste (o *Axis Mundi*), a partir do qual todo o seu mundo habitável é organizado.

Verifica-se assim que, independentemente de culturas e religiões, o homem apresenta posturas e necessidades na essência semelhantes relativamente ao espaço do Sagrado, assumindo a centralidade do mesmo o ponto fixo e orientador a partir do

qual se estrutura a sua forma de estar, viver e acima de tudo do “Ser”. Tudo nos leva a crer que para o homem religioso o espaço do Sagrado, para além de lhe possibilitar a comunicação interníveis, se apresenta também como a possibilidade de este recriar a formação do próprio mundo gerado a partir do centro.

A título de exemplo do acima exposto tomamos conta de como esta concepção da criação do mundo se apresenta na tradição judaica de forma claramente interiorizada:

“O Santíssimo criou o mundo como um embrião que cresce a partir do umbigo e a partir daí se difundiu em todas as direcções”. Este tipo de concepção do mundo e do cosmos, não sendo propriedade do mundo religioso judaico, toma forma em inúmeras outras religiões e culturas, designadamente na mesopotâmica e na iraniana, entre outras. Esta perspectiva da criação do mundo foi-se enraizando perante nós como arquétipo de todo o acto de criação, autonomizada do nível de referência – o da criação do mundo.

>>

Assumindo como referência essencial o valor cosmogónico do Centro, aparece-nos de forma natural e clara a importância para o homem do Centro a partir do qual tudo se constrói e desenvolve nas quatro direcções cardeais, tentativa de representação do próprio surgimento do Universo.

Existe sempre no acto criador do homem, se bem que na maior parte das vezes de forma inconsciente, a intencionalidade de apresentar ou representar uma imagem do mundo, uma *Imago Mundi*. Deparamos assim, e independentemente da diversidade cultural, com o mesmo esquema cosmológico e a mesma ritualidade, já que ao instalar-se o homem num território existe sempre a intencionalidade de fundar e recriar uma nova ordem, um novo mundo.

O Espaço do Sagrado tem e assume para o homem uma vasta paleta de escalas, podendo apresentar variadas e distintas polaridades que se podem estender do território ao templo e até ao próprio lar.

Como já anteriormente assinalámos, existem dois tipos

de comportamento distintos em que o homem moderno actualmente se enquadra, o tradicional ou religioso e o profano ou dessacralizado. A sociedade moderna, sobretudo a partir da sua industrialização, tem vindo gradualmente a dessacralizar o Universo, o território, o lar e o próprio homem.

Não gostaríamos de deixar de mencionar que Le Corbusier esvazia a habitação de contexto ao nível do sagrado, do mítico e do simbólico quando lhe atribui – a nosso ver – uma perspectiva reducionista, limitando-a ao plano da função, equiparando-a desta forma a uma máquina, no caso particular, de habitar. A dessacralização da habitação não se deu de golpe, surgiu antes lenta e vagarosamente ao longo dos tempos e só possível pela dessacralização do cosmos.

Enquanto etapa deste percurso, aparece o ideário moderno com novas focalizações de prioridades, valores e consequentemente respostas a uma sociedade carenciada e em que a tecnologia e a ciência, a par de novas ideologias políticas, económicas e sociais, lhe perspectivavam a abertura de caminhos e horizontes até ali insondáveis e para os quais Deus não tinha lugar nem fazia falta. No entanto, para o homem religioso das sociedades urbanas de hoje, continua a casa, o santuário ou a aldeia a aparecer como acto de criação do seu próprio mundo e a manter o vínculo remoto de o manter e renovar. A habitação não é para ele uma máquina de habitar, um objecto; é antes o Universo que o homem construiu para si tentando imitar a criação perfeita dos deuses.

Como constatámos anteriormente, a morada do homem constitui a sua *Imago Mundi*, situando-se no centro do mundo, independentemente da multiplicidade de centros que constituem o seu pensamento religioso, já que ao não se tratar de um espaço geométrico mas de um espaço existencial e sagrado apresenta-se estruturalmente diferente, pleno de rupturas possíveis que possibilitam as comunicações com o transcendente. É pois plausível que admitamos que, quer os rituais, quer os símbolos atribuídos aos templos, cidades e casas, resultam em última instância da experiência primária do Espaço do Sagrado.

Depois desta breve abordagem a algumas ideias sobre o Espaço do Sagrado, acredito dispormos de elementos e ferramentas que nos permitam empreender um percurso crítico da Capela de Ronchamp, de Le Corbusier, e da Capela das Águas, de Tadao Ando, quer no plano arquitectónico quer no do simbólico.

## A Capela de Ronchamp (1950-54) – Le Corbusier

*Nunca tive a milagrosa experiência da fé,  
mas conheci muitas vezes,  
milagre inexpressível do espaço,  
a apoteose da emoção plástica.*

>>

Le Corbusier

Ao analisarmos os desenhos e esboços de Le Corbusier compreendemos a importância que o desenho teve para ele, não só como acto de procura, aprendizado e desenvolvimento das suas ideias e pensamentos arquitectónicos, mas também como registo das suas viagens, onde lentamente e ao longo da vida esse aprendizado de vivências e memórias foi anotado, ressurgindo do passado renovadas e transformadas formal e plasticamente em muitas das suas propostas arquitectónicas. Dentro de um pensamento claramente vanguardista surge, assim o cremos, o relacionamento de Le Corbusier com a história através desses apontamentos e notas, pois como disse um dia: “uma vez entradas as coisas através e pelo trabalho do lápis, elas ficam interiorizadas para a vida, elas são escritas e inscritas”. Ronchamp, para lá da sua modernidade, expressa claramente esse transporte temporal de informações e registos que habilmente o autor lhe soube introduzir.

A capela de Ronchamp de Le Corbusier fica implantada no topo de uma colina nas montanhas dos Vosges, de onde se podem contemplar vastos horizontes de campos verdes que a envolvem. A capela apresenta como elementos marcantes e perceptíveis à distância uma maciça e escura cobertura de betão,

apoiada sobre paredes brancas, uma das quais assemelhando-se à quilha de um barco. A leitura maciça apresentada pelo telhado deve-se ao facto de este resultar de duas membranas de betão com um vão interior de cerca de 2,26 metros, aparecendo quase que como uma enorme concha de curvatura complexa e bicuda num dos seus ângulos, apontando para o céu.

Esta grande estrutura da cobertura assenta sobre grossas paredes constituídas por uma estrutura em betão que envolve muitas das pedras da antiga capela existente, destruída pelos bombardeamentos durante a guerra. Entre a cobertura e os elementos verticais que a suportam foi deixado deliberadamente um espaço de vários centímetros, possibilitando a entrada de luz rasante ao tecto, criando nessas zonas uma sensação de leveza, como que de levitação da própria cobertura. Surgem as paredes brancas da capela com formas orgânicas que se contraem e dilatam não só por questões formais de composição plástica, mas também por necessidade estrutural e de estabilidade, onde se espalham aberturas irregulares que projectam interiormente a luz sob as mais diferentes formas, intensidade e expressão. A fluidez existente na composição é contrastada e de certa forma travada por três torres, nomeadamente duas quase que justapostas, rasgadas em sentidos opostos e da mesma altura, aparecendo a terceira no alçado oposto marcadamente mais elevada.

O pavimento da capela acompanha o desnível original do terreno deslizando suave e naturalmente em direcção ao altar, como que atraindo de forma imperceptível o visitante ao local, de onde emana e se materializa ritualmente a razão de existência de todo o local de culto do mundo cristão.

Le Corbusier apresenta na capela contrastes e ambiguidades, nomeadamente através de paredes e aberturas que se alargam e estreitam, transformando-se pelo movimento, quer em termos de leitura formal quer em presença, como que reflectindo o aspecto plástico de harmoniosos contrastes da natureza envolvente. A capela apresenta uma gramática formal

que nos emociona e transporta, qual máquina do tempo, permitindo-nos recuar a eras recônditas da nossa ancestralidade, sugestionados pelas múltiplas e variadas concavidades que nela surgem, como que esculpidas pela erosão impiedosa dos tempos até às mais sublimes abstrações plásticas patentes quer externa quer internamente.

Ronchamp aparece dentro de um equilíbrio escultórico, onde interior e exteriormente se confrontam e completam, quer plástica quer funcionalmente, estabelecendo uma relação de total interdependência reforçada pelo contraste e equilíbrio de massas, espaços, formas, texturas e cores. No caminhar, a capela transforma-se, dá-se a descobrir, num expressionismo orgânico em constante mutação. >>

Le Corbusier tentou também captar o espírito do lugar, colocando na fachada este um altar ao ar livre sob a imponente massa da cobertura e para onde, e desde tempos pré-cristãos, os peregrinos se dirigem. A ascensão gradual da colina apresenta um ritual característico em que o arquitecto incorporou e integrou o edificio numa série de eventos plásticos, tendo como pano de fundo e cenário o horizonte. As deslocações dos peregrinos a Ronchamp podem terminar com a celebração litúrgica no exterior ou no espaço interior de forma mais privada, envolvidos por uma luz filtrada num espaço do Numinoso.

De referir que as aberturas em Ronchamp são constituídas por vidro normal, permitindo fazer a leitura das nuvens, dos ramos das árvores e até de quem passe, sendo que alguns se apresentam pintados pelo próprio arquitecto. Em simultâneo, surgem também vidros de cor, e não vitrais, pois Le Corbusier considerava que a utilização destes e o tipo de luminosidade que geravam apresentava um vínculo e revivalismo com o passado, particularmente com os períodos românico e gótico.

Ronchamp foi, como seria de esperar, completamente concebida dentro dos pressupostos e princípios do Modulor, incluindo o próprio desenho do pavimento da capela, o que possibilitou reduzir dimensões por vezes de forma exagerada

sem que no entanto esse facto seja perceptível para o observador. Le Corbusier admitiu à data que se manifestava nesta obra, através da aplicação destes princípios de composição, o que ele apelidava de “espaço indizível”, ou seja, o desvanecer das dimensões em face do imaterial.

A nível vivencial a capela propõe múltiplas possibilidades viabilizadas quer pelo espaço interno quer pelo externo. Apresenta o seu interior uma atmosfera de recolhimento e interioridade reforçada pela forma pontual, diferenciada e com múltiplas nuances de luz que se projectam no seu interior. O ligeiro deslizar do pavimento, arrastando quase que imperceptivelmente o observador para o altar, bem como a sólida compactidade das paredes orgânicas, apresenta e cria uma sensação de envolvimento e protecção.

Ronchamp, através da sua organicidade expressionista, plena de formas e contrastes, de uma grande cambiante de aberturas, projecções de luz, texturas e constantes mutações visuais, aparece como um corpo vivo, implantado numa colina em que se distingue e dilui como que dela tendo feito sempre parte e que, por ter surgido de uma profunda vontade de criar, se manifesta como parte do Universo, como centro do mundo. O Sagrado sempre lá esteve, precisava apenas de ser materializado para que outros o vissem.

## **A Capela das Águas (1985-88) – Tadao Ando**

A capela das Águas encontra-se localizada numa planície no meio das montanhas de Yubari, em Hokkaido, no Japão. Esta região de árvores de folha caduca apresenta uma enorme paleta de cores, atingindo momentos de uma exuberante beleza cromática no Verão, em contraste com uma despida serenidade, não menos bela, mas diferente, no Inverno. Neste constante e cíclico acto de recriação, a Capela das Águas surge como um manifesto de ordem e poder emotivo.

Para Ando, a arquitectura tem na geometria um dos seus pilares fulcrais. A capela consiste em dois quadrados parcialmente sobrepostos, um dos quais, e que constitui o espaço litúrgico propriamente dito, se abre totalmente sobre um lago artificial, construído a partir de um ribeiro existente. A envolvê-los, e dando a ideia de os querer proteger e isolar, uma extensa parede em forma de L, prolongando-se de um dos lados praticamente ao longo de todo o lago, de onde emerge uma grande cruz, posicionada axialmente relativamente ao quadrado inferior. Uma suave pendente ergue-se em direcção ao quadrado superior constituído por paredes de betão, que a partir de determinada altura passam a vidro sustentado por uma estrutura em ferro e aberto para o céu, no meio da qual surgem quatro cruces que quase se tocam e são paralelas a cada uma das fachadas correspondentes.

>>

A entrada para a capela efectua-se a partir deste primeiro quadrado, o qual dá acesso a um espaço a uma cota inferior, no centro do qual se encontra um cilindro em vidro fosco, aberto em dois pontos e através do qual o visitante será conduzido por uma escadaria curva e em penumbra à parte posterior da capela.

O espaço que constitui a capela apresenta-se completamente encerrado por paredes de betão em três dos seus lados, sendo a fachada voltada para o lago constituída por uma enorme caixilharia, também ela em forma de cruz e com grandes planos de vidro. A caixilharia tem a particularidade de deslizar para um dos lados, abrindo completamente o invólucro que contém a capela para o exterior, estabelecendo uma profunda inter-relação, complementaridade e dependência, já que a unidade do todo surge da fusão do espaço interno com o espaço externo.

O minimalismo ou reducionismo da arquitectura de Ando surge em nossa opinião de múltiplos factores, tais como um raciocínio puramente lógico baseado na geometria, nas suas inter-relações assentes numa coerência lógica, num ideal de que a arquitectura estabeleça e crie um mundo novo e que tenha como ambição despertar as sensibilidades do homem.

Para se analisar e classificar a obra de Ando será necessário destacar três elementos essenciais, a saber, a ordem, as pessoas e o poder emotivo de onde emergem vários elementos arquitectónicos em constante conflito, tais como: forma com forma, forma com espaço, interior com exterior e natureza com geometria. A Capela das Águas é disso um exemplo vivo.

A arquitectura de Tadao Ando apresenta uma recusa de manipulação formal e centra-se num firme objectivo do espaço purista. Pretende assim atingir as profundidades e a intimidade do espaço puro pela recusa da manipulação de jogos formais, ou se quisermos da arquitectura superficial e modista. A Capela das Águas é um retrato perfeito das intencionalidades arquitectónicas de Ando, patentes em todos os seus trabalhos e nos quais, segundo vários críticos de arquitectura, a negação assume um papel relevante, talvez a sua grande descoberta, através da qual as suas obras aparecem plenas de força e intensidade espacial.

Neste projecto de arquitectura religiosa os muros aparecem sob a mesma óptica que em tantos outros dos seus projectos, enquanto substituição dos pilares, que Ando claramente recusa, definindo espaços interiores puros, compositores de sinfonias do silêncio, reflectindo luz e sombra, dando voz à não-matéria, e criando as condições para a libertação da nossa consciência mais profunda.

A capela reflecte igualmente um posicionamento dentro dos pressupostos taoístas ao nível da contemplação, onde o nada assume valor idêntico à matéria. Assim, Ando cria um espaço litúrgico assente numa ausência total de tudo, articulando-se de forma pungente com o todo absoluto, a natureza, de onde emerge o simbólico inacessível mas presente. As propostas projectuais do arquitecto japonês apresentam-se encerradas por paredes de um amorfismo de cor e matéria, delimitadoras de espaços em que o nada se faz tudo, apresentando uma multiplicidade de cenários, não porque existam, mas porque encerram a força e o poder emotivo nelas próprias.

A Capela das Águas apresenta assim, a nosso ver, a vontade

e desejo que Rothko ambicionava atingir nas suas obras pictóricas, de a obra se libertar, até, do seu criador, e se apresentar para ele e para todos os outros como uma revelação.

Após a abordagem das duas capelas fácil será verificar as enormes parecenças e distâncias existentes entre elas. Seria porventura fastidioso repassar temáticas de cariz estritamente arquitectónico.

Assim, a comparação que pensamos porventura mais interessante, e acreditamos mais enquadrada dentro do tema que nos propusemos desenvolver, será a de tentar verificar de que forma e em que moldes cada um dos arquitectos, se bem que enquadrados em tempos e culturas diferentes, conseguiram ou não preencher as suas obras de espiritualidade ou, dizendo-o de outra forma, conseguiram criar verdadeiros espaços do sagrado.

Os contrastes entre os dois edifícios religiosos estabelecem-se logo à partida desde o local em que foram implantados. Assim, Ronchamp, provavelmente por razões de ordem histórica e de tradição, tais como a romagem e a peregrinação, surge implantada no topo de uma colina.

Este tipo de localização em pontos altos constitui desde os tempos mais remotos como expressão de ligação entre o céu e a terra. A montanha apresenta-se assim com uma das figuras que exprimem tal simbolismo, o da Montanha Cósmica. Inúmeras culturas fizeram a mesma abordagem de tais montanhas, míticas ou reais, situadas no Centro do Mundo. Também o mundo cristão criou a sua montanha cósmica, o Gólgota, que se encontra no cume da Montanha Cósmica e é expressão de um mesmo sentimento, profundamente religioso.

Já a Capela das Águas se encontra implantada num vale rodeado de montanhas, ou seja, dentro de princípios diametralmente opostos. No entanto, dentro dos ideais Zen e Taoísta, o Universo aparece espelhado na natureza como um todo, do qual mares, rios, vales, montanhas e seres vivos fazem parte de um conjunto que se pretende em equilíbrio harmónico. A

>>

capela como tal surge como novo elemento de construção do mundo, passando a fazer parte desse mesmo Universo, desde que comungue dos mesmos pressupostos, de se emocionar e sentir em harmonia.

Temos assim, e desde logo, princípios que à partida, encontrando-se em extremos opostos, acabam no fim por ambicionar, se bem que por caminhos diferentes, atingir o mesmo objectivo: o de estar em comunhão com o Universo ou, se quisermos, com o Sagrado.

Na análise às duas capelas constatamos de igual modo que elas acabaram por se fundir no objectivo final, que ambas ambicionam atingir, percorrendo e propondo em termos arquitectónicos linguagens profundamente distintas, mas que no plano emocional e espiritual se diluem e mesclam na mesma vontade e desejo profundo de alcançar.

A Capela de Ronchamp aparece-nos assim como uma manifestação de alegria formal, plena de contrastes em equilíbrio, que se manifestam pelo movimento em visões poéticas distintas. Corpo orgânico que se transforma na forma, no espaço e no tempo, recriando a interioridade das igrejas do passado através de meios simultaneamente velhos e novos. O interior da capela envolve-nos, protege-nos e ao mesmo tempo liberta-nos, convidando o visitante ao recolhimento, já que em Ronchamp o Sagrado tomou forma através e pelo trabalho do lápis e interiorizou-se nesse espaço para a vida.

A Capela das Águas, contrariamente à obra anterior, conduz-nos através de um percurso descendente, onde a luz se vai desvanecendo até a penumbra nos envolver, como que preparando-nos, no espaço de culto, para nos fazer a revelação máxima do Sagrado: o Universo. O interior ressoa de silêncios, envolve-nos com a paz e a serenidade necessárias para interiorizarmos sensações e sentimentos do cosmos que se abre diante de nossos olhos.

Aqui o recolhimento transporta-nos para o exterior numa atitude contemplativa, dando-nos a possibilidade de sentir o *Misterium Tremendum* da criação e conferindo ao local,

se bem que de forma distinta da de LeCorbusier, a mesma presença que, não se vendo, todavia se faz sentir: a do Sagrado.

Como conclusão, confrontamo-nos com a grata satisfação de constatar que, no fim de tudo, muita da arquitectura recente surge plena de emoções e de sentimentos apesar de a sociedade, devido a múltiplas condicionantes, se encontrar num caminhar em que cada vez menos o sentir impera. O homem não se dessacralizou em absoluto e, sobretudo, ainda não perdeu a alma: assim sendo, como disse Fernando Pessoa um dia: "tudo vale a pena se a alma não é pequena". <<

---

## BIBLIOGRAFIA

Eliade, Mircea (1956), *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*, trad. Rogério Fernandes, Lisboa, Livros do Brasil.